

António Lobo Antunes

VIDA E MORTE – OU : SUSPENDER O TEMPO

(sinopse de uma conferência)

Por vezes, as obras que mais falam da morte são as que constituem os hinos mais intensos à vida. É o caso da obra de A. L. A., que, em todos os seus volumes, apresenta casos de morte ou obsessões com a finitude humana. Trata-se do que, no meu último livro, *As Flores do Inferno*, entendo como a constante presença infernal nos textos do escritor. Porque a morte não é sentida como o nada, antes como uma ideia, ou estado, que causa sofrimento, pela destruição do corpo, que dói a quem morre, e que faz mal à alma de quem fica, e ama quem morreu. Mesmo quando a morte pode ser esse nada, ela fica a sentir-se sobretudo como ausência ou vazio, instituindo a lembrança da pessoa nos objectos que a representam (retratos, recordações, sinais), mas que não são mais que sombras que restam do seu ser, integrando o lado negro da vida.

A morte conduz a uma interrogação (porquê morrer? porquê o absurdo de viver se tudo tem de acabar um dia?), como já nos ensinara a ficção de Vergílio Ferreira através da filosofia existencialista, da qual ALA é um dos herdeiros. Tal absurdo só pode ser vencido pela aceitação do milagre que é viver, que as obras de ambos (e de outros) também transmitem, embora de modos diversos.

Na obra de ALA entende-se a vida como afirmação plena do corpo, sobretudo no amor e na palavra. O amor-ternura (amizade, afecto familiar, evocação, relação afável) e o amor-sexo (dávida integral e completa de si, relação de conhecimento carnal e anímico com um outro) vêm animar esse lado negro da vida, que através do amor como que floresce, em luz e cor, em alegria e exuberância. Temos então nos romances, a par da morte, a vida como a trajectória do homem completo, carne e alma, experiência e projecto. Daí que a flor seja a figura de luminosidade que intervém no ambiente ensombrado da vida, entristecida pelas várias mortes que constantemente sofremos, reais e simbólicas; daí que outras figuras (como os pássaros, as árvores, os objectos familiares) contenham sinais de positividade, de animação e de movimento, que são sinais de existir.

O tempo no qual vivemos, seja como "duração interior", seja como "época da vida», é o grande agente (ou, se preferirmos, o território) que maneja vida e morte. Ele flui sem cessar, leva-nos consigo pela intensidade de viver (ou, ao invés, nas vidas pardacentas, pela rotina desinteressante), e por isso o escritor tenta detê-lo para atrasar a morte, para dar um salto sobre a mesmice entorpecedora. Tenta provocar a sua suspensão. Utiliza ardis para o imobilizar, e então a personagem sente «uma paz!», como se lê muitas vezes nos seus textos. E o tempo é como a escrita, pois ela também decorre e percorre, tem um curso e uma continuidade. E como na escrita se pode parar e modificar o que se escreveu, e se pode também voltar atrás, escrever é, entre outras coisas, exorcizar a morte, criando a imagem (ou mesmo o facto!) da suspensão, nessa passagem inexorável e aflitiva dos seres e das coisas.

Veremos como essa aliança entre movimento (seja ele vital ou destruidor) e suspensão (também perigosa, porque, se nos dá segurança, na medida em que figura o eterno, também conduz à estiolação aniquiladora) está presente em páginas de ALA, sobretudo quando foca **temas** muito fecundos na sua obra, como a cidade, a guerra, a doença, o passado, a família e o desejo, e quando adota **modos** nos quais é mestre, como o humor, a paródia e a sátira, a escrita revoltada, o conhecimento e a incompreensão dolorosa, ou formas de expressão poética que enriquecem a sua ficção e (capacidade em que este escritor é mestre) renovam o jeito habitual de se contar uma história.

Maria Alzira Seixo